[Recensão a] Eduardo Pitta, Os Dias de Veneza

Autor(es): Simões, Manuel G.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42712>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_1_22

Accessed : 26-Apr-2023 15:25:25

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
em Portugal

Nova Série

Nº 1

2006

bém aqui, como frequentemente acontece nos romances de Manfredi, há uma inscrição (desta vez em latim e em etrusco) que é preciso decodificar e que, neste caso, revela uma maldição lançada depois de um crime horrendo cometido na era etrusca, atravessando vinte e quatro séculos, e que está intimamente ligada ao túmulo recém-descoberto e à estátua que se contempla no Museu. *Thriller* histórico-arqueológico, a que não falta a componente amorosa a justificar o “final feliz” e o teatro do imaginário narrado pelo romance, o qual termina significativamente com a declaração de Francesca, que pressupõe a futura ligação com o arqueólogo: “Então quer dizer que lhe vamos chamar Angelo. E vai ser a única coisa real que fica de toda esta história” (p. 226).

Quanto à tradução de José J. C. Serra, diga-se desde já que assenta num português fluente, o que confere ao seu trabalho uma marca qualitativa. As principais dificuldades que teve de enfrentar resultavam da transposição, para a língua portuguesa, de expressões coloquiais italianas e que, traduzidas à letra, teriam uma clara alusão obscena. Está

neste caso a tradução aceitável de “stronzata” por “disparate” (p. 54), embora noutros casos a solução tenha recaído em eufemismos onde impera um pudor exagerado, como na expressão “Impressionarmi un cazzo”, transformada em “impressionar-me o raio” (p. 86) quando o tradutor tinha ao seu alcance eufemismos da mesma área semântica, como “caraças” ou “tanás” (este último utilizado na p. 92), formas que entraram no uso linguístico do português coloquial. Idênticos eufemismos semânticos deveria ter utilizado noutras sequências textuais, como no seguinte diálogo entre Sonia e Fabrizio: “Ti va di passare da me?” “Nel senso se mi va di scopare?””, que conheceu a versão: “– Queres vir até aqui? – Estás a perguntar-me se quero ir fazer-te companhia?” (p. 86), quando para a última parte o tradutor tinha a expressão “fazer amor”, entre outras propostas.

Também não resolveu convenientemente os lexemas “ufficio” ou “studio” (de médico), optando, nos dois casos, por “escritório”, em vez de “gabinete” (dada a situação contextual) para o primeiro e “consultório” para

o segundo. E, já agora, refira-se a não identificação do termo “ribollita”, sopa característica da Toscana, à base de feijão branco, hortaliça e fatias de pão, que José Serra transpõe como “cozidos”, relacionando-o erradamente com “enchidos” (“enchidos de javali, cozidos”, p. 31), mas aqui a mudança de género devia sugerir-lhe uma falsa interpretação.

A edição portuguesa apresenta uma série de notas da responsabilidade do tradutor, em geral pertinentes e correctas, com excepção da nota explicativa de “salame”, complicada e pouco informativa (“preparado italiano de carne de lombo de porco ou javali, entremeada de presunto de porco, e conservada em tripa”, p. 32); e de “toscano” (“cigarro de tabaco escuro e forte”, p. 67), mas que é mais precisamente “um tipo de charuto”. Observam-se ainda bastantes italianismos de que se dão alguns exemplos: “arredondar o seu salário” (p. 60); “Vem” (p. 113) em lugar de “Entra”, “vou esperar” (p. 138) em lugar de “espero”. Além disso uma “casa colonica” não é uma “casa colonial” (p. 114) mas sim “casa de colono/feitor”. Por último refira-se a falta de revisão

literária e tipográfica, uma constante intolerável no panorama editorial português: a primeira teria evitado, por exemplo, os italianismos; e a segunda as muitas gralhas com as quais o leitor tem fatalmente que se confrontar. MANUEL G. SIMÕES

Eduardo Pitta, *Os Dias de Veneza*, V. N. de Famalicão, Edições Quasi, pp. 55.

Já José Cardoso Pires, no seu *Lisboa, Livro de Bordo*, de 1997, se manifestou contra o olhar apressado de quem chega a Lisboa e debita a seguir umas quantas considerações desfocadas, sem ter conhecido a “alma” da cidade, a sua luz, as suas vozes e cheiros, o que lhe está “mais no íntimo”. Ora se isto é verdade em relação a Lisboa ou aos lugares sobre os quais o imaginário do viajante já interiorizou imagens e geometrias, em mais alto grau acontece para quem visita Veneza e volta ao lugar de origem com poemas, crónicas, contos ou páginas de diário sobre a cidade dos doges, geralmente reproduzindo uma visão superficial e estereotipada, muitas vezes enganosa, mas que contribuem para alimentar a vi-

são mítica de um espaço fantástico que não se deixa decifrar à primeira vista. No caso vertente, trata-se de um diário que narra, com grande soma de pormenores, a viagem de um Autor não desprevenido (e seu companheiro) aos lugares “sacralizados” e eleitos por uma elite internacional, viagem que decorreu entre 12 e 16 de Setembro de 2004. Ao todo, quatro dias, visto que o primeiro e o último se reduzem à tarde e à manhã, respectivamente, ficando “tanto por descobrir”, porque, como refere Eduardo Pitta, “é tudo uma questão de prioridades” (p. 52). Assim é, de facto, e a venezianidade só se interioriza frequentando os “bàcari”, as “osterie”, onde se podem degustar autênticas iguarias locais que o Harry’s Bar (com a “inglesada... animadíssima”) ou o Acqua Pazza estão longe de proporcionar. E se se ironiza sobre “uma certa *snobbery*” do restaurante Da Fiore, é afinal este tipo de ambiente o mais procurado por este viajante, ainda que se constate: “Um Barolo da herdade Aldo Conterno custava-nos os olhos da cara” (p. 32).

Aliás, o que mais impressiona neste diário, não obstante as refe-

rências a algumas obras de arte de museus e galerias e à memória de escritores ilustres – onde sobressai Iosif Brodskij e a famosa obra *Fondamenta degli incurabili*, de 1989 (que circulou fora de Itália com o título *Watermark / Marca de Água*), citada como epígrafe, mas também Thomas Mann ou Robert Browning, sem esquecer um verso de Sophia de Mello Breyner –, é o espaço concedido à gastronomia, afinal obsessivo protagonista e objecto de descrição pormenorizada, com o risco de transformar o volume num “guia” dos restaurantes de renome internacional, concebidos justamente para turistas pouco interessados em perceber o “modo de ser” do veneziano, o engenho e a astúcia que estão na base da construção e sobrevivência de um espaço único, o que até nem era o caso, considerando a actividade escritural do autor do diário. Mas a gastronomia aí está a invadir prepotentemente as linhas e entrelinhas do texto: “As refeições são um assunto demasiado sério para que o possamos deixar ao arbítrio da ignorância, dos impulsos ou do ‘logo se vê’ ” (p. 29).

Como geralmente acontece, também o autor de *Os Dias de*

Veneza não escapa à tentação de pontilhar o texto com uma série de vocábulos em italiano, na tentativa de demonstrar o conhecimento do lugar através do registo linguístico. Nada a dizer quanto a isto se as citações fossem correctas, se não se desse o caso de encontrar “o signori” (pp. 14 e 15) em lugar de “signore” (singular); “stritura” (p. 14) em vez de “stiratura” (‘passar a ferro’); “palazzos” (p. 17), num misto de italiano e português, por exemplo. Também na citação de lugares se devia ter em conta a concordância gramatical. Neste caso, não podem deixar de chocar os nossos sentidos “a Piazzale Roma” (p. 21) em lugar de “o Piazzale...”; “pela via...” (p. 26, sendo “via” do género masculino); “no Zattere” (p. 52), quando deve ser “nas Zattere” (‘jangadas’). E, já agora, por amor à verdade, diga-se que bica “não turística”, em qualquer café, que não sejam as esplanadas de S. Marcos ou outras, não custa um euro e vinte cêntimos (p. 23): em Novembro de 2005 o preço generalizado de um café era de oitenta/noventa cêntimos; e que a “Ponte dos Suspiros” “foi ponto de passagem entre o Pa-

lazzo Ducale e as masmorras da Inquisição” (p. 48), mas neste caso identificada com os Inquisidores da Serenissima Repubblica, tribunal já instituído no séc. XV. A propósito da mítica ponte, não faz sentido associar a violência (porquê a associação a Buchenwald?) com o fascínio que desperta entre os turistas, os quais, não visitando o Palácio, não conhecem a verdadeira origem dos “suspiros” (pela liberdade perdida, às vezes definitivamente, a menos que os condenados não conseguissem fugir, como aconteceu com Casanova), considerados pela maioria como se fossem “de amor”.

É claro que a Veneza ideal e idealizada por Eduardo Pitta seria a dos turistas “elegantes”, sem ter que “tropeçar em matronas de bermudas e auricular de ‘visita guiada’ ” (p. 41) ou na “turba” do Palazzo Grassi: “Curioso. No Palazzo Ducale não haveria cem pessoas. Na retrospectiva Turner metade, e o resto do Correr vazio. A colecção Guggenheim tinha bastante mais que os outros, mas também era outro tipo de visitantes, sem miudagem nem grupos organizados com guia palrador. Hoje de manhã desabou

tudo no Grassi” (pp. 40–41). É que o Palazzo Grassi pertencia nessa altura ao grupo Fiat (agora foi comprado por outro grande grupo, o das massas Buitoni) e foi programado para atrair multidões, num projecto de indústria cultural que se serve dos produtos culturais e só indirectamente pode servir a cultura. MANUEL G. SIMÕES

Mário Cláudio, *Os sonetos italianos de Tiago Veiga*, Porto, Edições Asa, 2005, 120 pp.

Seis epitáfios de John Addington Symond, três sextextos – ou três conjuntos de seis sonetos cada – de Nuno da Cunha de Ataíde e seis cartas em 14 versos de Johann Hermann von Riedesel, Barão de Eisenbach, compõem o núcleo de certo, para muitos inesperado, Tiago Veiga, que daquelas três “máscaras” se serve, já *alter ego* de Mário Cláudio, que é um *outro* de nome civil. Ou seja, trinta sonetos referidos a, respectivamente, Florença, Roma e Apúlia, alguns precedidos de ilustrações, num total de 16, e cada grupo com epígrafe dos três nomes próprios, precedidas de geral inscrição de Josip Brodski, que

nos coloca no refúgio da “perspectiva”. É um modo de olhar, também em abismo, como o decurso dos séculos se explica e justifica dentro de nota introdutória e “Notas” finais.

Projecto referido de leve no noticiário literário, teve espaço excessivo no suplemento Mil Folhas (*Público*, 10–12–2005), em que o “editor” Mário Cláudio aproveitou para acertos biográficos da sua personagem, saturando um jogo que o crítico e entrevistador Pedro Sena-Lino não percebeu.

É o regresso consistente a uma velha paixão, cuja principal manifestação, em feliz tiragem confidencial, era *Italy – 41 Impressions*, com Michael Gordon Lloyd (Badger Editions, 1979). Laura, Savonarola, Tullia d’Aragona, Tommaso Cavalieri, Jacopo Carrucci, dito Il Pontorno, e Giangastone de’ Medici constituem os assuntos do grupo inaugural, em que repentes escatológicos ou de baixo linguajar salpicam imagens de respeito e tom solene. Reforça a maneira nas leituras ecrásticas dos seis “Vasos etruscos”, mais comedido no verso branco do “Bestiário de Óstia” e rasgos clássicos seguintes.

O introdutório “Tiago Veiga”, precedido de retrato, transcreve “Crónica” estampada no *Tempo* de 18 de Agosto de 1988. As ainda que “ligeiras alterações”, como avisa o “editor” em relação a essa página amarela, são, porém, significativas. Registemos as duas mais importantes, qual olhar imodesto em causa própria, capaz de perturbar a história literária, se houvesse um desenvolvimento mais consistente. Em 2005: “Amparado por Pessoa, em suas primícias, Tiago Veiga, adivinhando-se assim como voz originalíssima da poesia portuguesa de Novecentos, [...]”; em 1988: “Amparado por Pessoa, em suas primícias, logo aclamado, em plena juventude, como o Super-Camões, em texto do autor da *Mensagem*, de que temos perante nós a fotocópia, Tiago Veiga,

adivinhandando-[se] assim como voz superlativa da poesia portuguesa de novecentos, [...]”. Na segunda, T. S. Eliot saudaria o *Triunfo*... como “um dos três supremos poemas da centúria”, parecer omitido em 2005.

Enquanto coordenador, naquele semanário, do suplemento Cultura, estávamos no segredo de um exercício, cujo sigilo mantivemos até noticiarmos essa “projectação heteronímica” em *Verso e Prosa de Novecentos* (Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p. 358). No mais, existe gente distraída. E, à imagem de tanta esquivança, o volume mal se viu em livrarias e demorou a entrar nas bibliotecas, inclusive, na Nacional, valendo-nos o editor José Domingos da Cruz Santos, a quem tanto deve a boa poesia. ERNESTO RODRIGUES